

MÃE DA ESPERANÇA

Meditações Marianas
no Advento

ANO B

Pe. Rodrigo Rodrigues
Pe. Ubirajara de Melo

MÃE DA ESPERANÇA

Meditações Marianas
no Advento

ANO B



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação da revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *André Tadashi Odashima*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-107-5

Gratia Plena

*Teu filho nasceu
e continuas grávida
– cheia de graça,
cheia de Deus.*

D. Hélder Câmara
RJ, 26/12/1962

*Com amor e gratidão,
dedicamos este trabalho
às nossas três mães Marias:
Maria de Nazaré,
Maria Cristina da Silva Pereira
e Maria Dalva de Melo.*

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores, o livro de meditações e orações que têm em mãos é uma ótima iniciativa para viver o Advento de forma mais consciente e profunda, seja individual, seja comunitariamente, inspirados pelo modelo e confortados pela intercessão de Maria. Estas páginas certamente ajudarão o Povo de Deus a integrar em sua vivência de fé no tempo do Advento algumas realidades que, por descuido ou desinformação, nem sempre são vividas em sintonia. Refiro-me a três binômios: Maria e a Palavra de Deus, Maria e a liturgia da Igreja, e a relação entre a piedade popular e a liturgia.

Maria e a Palavra de Deus

Como faz bem aprofundar a presença de Maria, a Mãe do Messias, nas Sagradas Escrituras, no arco completo da história de salvação! Ela está presente desde as promessas do Antigo Testamento até a realização do plano salvífico de Deus que culmina no Novo Testamento.

Nem todos os cristãos católicos percebem a evidente relação entre Nossa Senhora e a Palavra de Deus, chegando às vezes até a duvidar do lugar especial e único de Maria na Bíblia. Desatendem, assim, ao grande exemplo de escuta e “familiaridade de Maria com a Palavra de Deus” (Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 28). De fato, “no nosso tempo”, já advertia o papa Bento XVI, “é preciso que os fiéis sejam ajudados a descobrir melhor a ligação entre Maria de Nazaré e a escuta crente da Palavra divina”. Por isso ele exortava “os estudiosos a aprofundarem ainda mais a relação entre mariologia e teologia da Palavra” (Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 27). As presentes meditações dão uma contribuição valiosa nesse sentido.

Maria e a liturgia da Igreja

Faz bem também integrar de forma adequada a presença da Mãe do Senhor à liturgia da Igreja. Nem sempre sabemos louvar convenientemente Nossa Senhora dentro dos tempos e celebrações litúrgicas oficiais da Igreja. Às vezes parece que o culto mariano corre paralelo à atualização do mistério pascal, que é o sentido da liturgia. Contudo, Maria pertence plenamente a esse mistério. Deus livremente a escolheu para ser a Mãe do Salvador e inaugurar, assim,

o mistério pascal, que consiste na encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Graças ao seu “sim” e à sua espera, foi possível a encarnação. E é isso que se celebra no Advento. Por isso esse é o tempo litúrgico mariano por excelência. Tempo de espera, conversão e esperança, “tempo particularmente adequado para o culto da Mãe do Senhor”, como nos ensina o papa Paulo VI (*Marialis Cultus*, n. 4). Ele desejava que essa orientação fosse “aceita e seguida por toda a parte”. É o que acontece de forma exemplar nas meditações deste livro.

Piedade popular e liturgia

Faz bem, por fim, unir a força evangelizadora da piedade popular com a centralidade da liturgia na vida cristã. Não raras vezes, parece que estas duas legítimas formas do culto cristão não convivem em harmonia. Contudo, a Igreja ensina que o evidente primado da liturgia “não pode ser compreendido em termos de exclusão, contraposição ou marginação” (Congregação para o Culto Divino, *Diretório de Piedade Popular e Liturgia*, n. 11). De fato, as expressões da piedade popular não devem ser tratadas “com indiferença ou desprezo”, porque são “ricas de valores” (João Paulo II, *Vicesimus*

Quintus Annus, n. 18) e “têm muito que nos ensinar” como “lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 126). Enriquecida pela fonte fundamental da liturgia, a piedade popular alcança todo seu vigor e potencial evangelizador. É o caso destas “meditações marianas no Advento”, que integram as leituras dominicais deste riquíssimo tempo litúrgico com orações e práticas de piedade popular mariana.

Que Maria, Rainha do Advento, Senhora da Espera e Mãe da Esperança, os acompanhe durante cada dia do Advento e prepare em seus corações o encontro com o Senhor que vem.

Pe. Alexandre Awi Mello, ISch¹

1 O padre Alexandre Awi Mello nasceu no Rio de Janeiro em 17 de janeiro de 1971. É membro do Instituto Secular Padres de Schoenstatt desde 1992. Foi ordenado presbítero no Santuário da Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, no dia 7 de julho de 2001, pelas mãos de dom Karl Josef Romer. Foi nomeado, pelo papa Francisco, secretário do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, para auxiliar o cardeal Kevin Joseph Farrell. Concluiu o doutorado na Universidade de Dayton, EUA, com o Dr. Thomas Thompson, SM, na área de Mariologia. Seu tema: “Maria-Igreja, Mãe do povo missionário: o papa Francisco e a piedade popular mariana no contexto teológico-pastoral da América Latina”.

INTRODUÇÃO

Todos os anos, com as celebrações do tempo do Advento, a Igreja faz memória dos eventos da primeira vinda do Senhor, a fim de se preparar dignamente para o seu “retorno” em poder, glória e majestade. É tempo de preparação para a solenidade do Natal, a primeira vinda do Senhor, e da expectativa da segunda vinda do Cristo no fim dos tempos.

Celebrar a sagrada liturgia é uma oportunidade de aprofundar a fé e caminhar com esperança no futuro, vivendo a caridade. E, nessa oportunidade de celebração, sabemos que, entre os principais mistérios que antecederam o nascimento do Filho de Deus, está o anúncio do anjo Gabriel à Virgem de Nazaré, de que ela seria a Mãe do Salvador.

Segundo Paulo VI, o Advento é o tempo por excelência de Maria. Dessa forma, como orienta a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 63, a Igreja nos conduz aos passos de Maria: Virgem-Mãe-Grávida, rumo ao céu. E, de fato, essa

é uma direção segura, pois ela é o tipo da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, o Senhor da Igreja.

É por isso que, com alegria, celebramos este tempo da esperança cristã, sempre apoiados naquilo que já no século IV Santo Ambrósio, ao falar aos fiéis, auspiciava – que em cada um deles houvesse a alma de Maria, para glorificarem a Deus: “Esteja em cada um de vós a alma de Maria para engrandecer o Senhor: em cada um esteja o espírito de Maria para exultar em Deus” (Ofício das Leituras, 21 de dezembro).

É tempo de dar glória a Deus, pois, na verdade, a Virgem Maria, Mãe-Grávida de Deus, é a imagem da Igreja peregrina que espera com amor a manifestação gloriosa de Jesus (*Lumen Gentium*, n. 61).

E como dar glória a Deus?

E por que dar glória a Deus?

Quem nos ensina é Paulo VI: “Desta maneira, os fiéis que procuram viver com a liturgia o espírito do Advento, ao considerarem o amor inefável com que a Virgem Mãe esperou o Filho, serão levados a tomá-la como modelo e a prepararem-se, também eles, para irem ao encontro do Salvador que vem, ‘bem vigilantes na oração e... celebrando os seus divinos louvores’. Queremos

observar, ainda, que a liturgia do Advento, conjugando a expectativa messiânica e a outra expectativa da segunda vinda gloriosa de Cristo, com a admirável memória da Mãe, apresenta um equilíbrio cultural muito acertado, que bem pode ser tomado como norma a fim de impedir quaisquer tendências para separar, como algumas vezes sucedeu em certas formas de piedade popular, o culto da Virgem Maria do seu necessário ponto de referência: Cristo. Além disso, faz com que este período, como têm vindo a observar os cultores da liturgia, deva ser considerado como um tempo particularmente adequado para o culto da Mãe do Senhor: orientação essa, que nós confirmamos e auspiciamos ver aceita e seguida por toda a parte” (*Marialis Cultus*, n. 4).

Agora, o que nós, padres, queremos com essas meditações? Com as reflexões e orações reunidas na série Entre Amigos sob o título *Mãe da Esperança: Meditações Marianas no Advento* – Ano A, Ano B e Ano C, buscaremos compreender que, assim como a Virgem Maria, Senhora do Advento, foi preparada para ser a Mãe do Salvador, a Igreja é continuamente santificada por meio do Santo Evangelho e dos sacramentos, para que aquilo que Deus já realizou em Maria de Nazaré seja realidade futura em nós: “Nela,

nos destes as primícias da Igreja, esposa de Cristo, sem ruga e sem mancha, resplandecente de beleza. Puríssima, na verdade, devia ser a virgem que nos daria o Salvador, o Cordeiro sem mancha, que tira os nossos pecados. Escolhida entre todas as mulheres, modelo de santidade e advogada nossa, ela intervém constantemente em favor de vosso povo” (*Missal Romano* – Prefácio “Maria e a Igreja”).

As páginas que seguem não têm a pretensão de ser um tratado teológico acerca da Virgem Maria. Aqui não fazemos exercício de exegese bíblica, pois nossa intenção é que este seja um livro de piedade popular e devoção mariana simples, porém com profundidade e abundância de citações e excertos dos santos padres e da Sagrada Escritura. Por isso, a conclusão a que buscaremos chegar é de que há uma expectativa que nos correlaciona e nos faz filhos devotos da Virgem Maria, Senhora do Advento.

Sabe por quê?

Assim como ela preparou-se para receber a primeira vinda de Jesus, nós, a Igreja peregrina, também devemos nos preparar para a segunda vinda de Jesus, pois, na convocação ao testemunho da esperança, a Igreja, no Advento, é confortada pela figura de Maria, a Mãe de Jesus.

Ela, que “no céu, glorificada em corpo e alma, é a imagem e a primícia da Igreja [...], brilha também na terra como sinal de segura esperança e de consolação para o povo de Deus a caminho, até que chegue o dia do Senhor (cf. 2Pd 3,10)” (*Lumen Gentium*, n. 68).

Com esta série de meditações e orações, queremos que a celebração do tempo do Advento faça brotar do coração devoto dos fiéis um “sim” generoso e comprometido, aos moldes de Maria Santíssima, para que também nós, Igreja a caminho da Pátria definitiva, possamos dizer: “Com grande alegria rejubilo-me no Senhor, e minha alma exultará no meu Deus, pois me revestiu de justiça e salvação, como a noiva ornada de suas joias” (Isaías 61,10).

Em suma, a Igreja peregrina neste mundo, ainda que imersa naquilo que reza a Salve-Rainha: “Gemendo e chorando num vale de lágrimas”, precisa ter na Virgem Maria, perfeita discípula do Senhor, que peregrinou na fé, unida fielmente ao Cristo (*Redemptoris Mater*, n. 5), a certeza do tempo vindouro; tempo da “vida, doçura, esperança nossa”, o tempo do Senhor que voltará, para buscar a Igreja que foi dócil ao bom conselho de sua Mãe santíssima: “Fazei tudo o que Ele vos disser!” (João 2,5).

Que essas meditações no tempo do Advento sejam-nos propícias, a fim de reconhecermos as maravilhas que Deus fez na humilde Virgem de Nazaré, a ponto de emprestarmos suas palavras e dizer: “O Poderoso fez por mim maravilhas e santo é o seu nome” (Lucas 1,46-55). Aliás, é bem isto que a Igreja nos recorda sempre: aquilo que se diz de Maria, se diz da Igreja, e vice-versa, pois cremos e professamos que “ela é o tipo da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo” (*Lumen Gentium*, n. 63). Com Maria, Virgem Oferente, Senhora do Advento, queremos dizer: “Maranata” – Vem, Senhor Jesus!

“A vinda do Filho de Deus à terra é um acontecimento de tal imensidão que Deus quis prepará-lo durante séculos. Ritos e sacrifícios, figuras e símbolos da ‘Primeira Aliança’, tudo ele faz convergir para Cristo; anuncia-o pela boca dos profetas que se sucedem em Israel. Desperta, além disso, no coração dos pagãos a obscura expectativa desta vinda.”

(Catecismo da Igreja Católica, § 522)



